

PRÁTICAS DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA COVID-19

JULIANA ANDRADE LUND¹; SIMONE GONÇALVES DA SILVA²; MARTA NÖRNBERG³

¹Universidade Federal de Pelotas – juliana.lundju@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – silva.simonegon@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – martanornberg0@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em uma realidade ainda sem vacinas, no ano de 2020, o mundo enfrentou um adversário invisível chamado COVID-19 (Coronavírus) e para conter a sua propagação, as escolas tiveram suas atividades presenciais interrompidas. A medida atingiu cerca de 1,57 bilhão de estudantes, em 191 países, conforme dados da Organização das Nações Unidas para a Educação (UNESCO, 2020).

De acordo com o Censo Escolar (INEP, 2020), o número total de escolas públicas de educação básica, no Brasil, que fecharam suas portas devido a pandemia COVID-19, somam 113.617. No Rio Grande do Sul (RS) foram 6.717 e, em Pelotas, 131 escolas. Isso significa que o número de crianças de pré-escola (educação infantil) e ensino fundamental (anos iniciais), devidamente matriculados em escolas públicas, que ficaram sem aulas no ano de 2020, respectivamente, foi: no Brasil, 19.968.221; no Rio Grande do Sul, 962.390; e, na cidade de Pelotas, 29.341.

No entanto, em abril de 2020, entendeu-se que a educação não poderia parar, dando início, assim, às atividades na modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE). E sobre os ombros dos educadores se viu colocada essa responsabilidade, que, sem nenhum preparo anterior, durante quase dois longos e angustiantes anos letivos (2020 e 2021), buscaram e criaram alternativas para realizar as práticas de ensino. MARTINS (2020, p. 251) expõe que o cenário da pandemia trouxe novas e velhas reflexões e preocupações para o campo educacional, tais como “[...] as condições de trabalho do docente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, a relevância e o significado dos temas a serem abordados [...]”.

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa de mestrado que investigou o conjunto de práticas de ensino no ERE, durante a pandemia de COVID-19 (LUND, 2022). Para isso, foram definidos três objetivos específicos: descrever o que significou escola e trabalho docente em meio à pandemia COVID-19; registrar os impactos do ERE, em contexto pandêmico, pela perspectiva pessoal e profissional das professoras; problematizar as experiências e as vivências docentes no contexto de pandemia e ERE.

Em síntese, o estudo trabalhou com a hipótese de que as experiências e vivências dos professores durante a pandemia de COVID-19 e no ERE proporcionaram oportunidades de aprendizado e experiências significativas, levando a reflexões importantes para o futuro pós-pandemia, em meio a diversos desafios, uma vez que estes se somaram aos anteriores, afetando os envolvidos em vários aspectos e influenciando as práticas de ensino.

2. METODOLOGIA

Este estudo, de natureza qualitativa, concentrou-se nas práticas de ensino no ERE, examinadas sob a perspectiva de quais foram ou de que maneira puderam (ou não) ser consideradas experiências. Para isso, os dados foram obtidos através do uso do questionário *online*, aplicado nacionalmente pela pesquisa interinstitucional Alfabetização em Rede (2020), bem como das discussões em grupo focal, conduzidas pela equipe de pesquisa da UFPEL, com professores das redes de ensino das cidades de Pelotas e Capão do Leão/RS (2020 e 2021), juntamente com a repetição do questionário *online* apenas em Pelotas/RS (2021).

Quanto ao percurso metodológico desenvolvido, este foi dividido em quatro fases: 1) pesquisa bibliográfica sobre a temática “trabalho docente” e “ensino” durante a pandemia em periódicos e repositórios acadêmicos; 2) processamento, pré-análise e análise dos dados do questionário *online* aplicado nacionalmente (2020); processamento, pré-análise e análise das discussões realizadas em grupo focal com os professores; 3) processamento, aplicação, pré-análise e análise dos dados do questionário reaplicado de forma *online* em Pelotas/RS (2021); 4) análise geral dos dados da pesquisa. Nas fases 3 e 4 foram considerados sujeitos de pesquisa somente as docentes atuantes no ERE, lotadas em escolas municipais da cidade de Pelotas/RS, do ensino fundamental: anos iniciais durante a pandemia COVID-19 no ERE.


A base teórica utilizada ancora-se, principalmente, em NÓVOA (2020) e OLIVEIRA (2006), cujos estudos trazem contribuições importantes para interpretar e relacionar o que e como ocorreu no ERE durante a pandemia. São textos que oferecem subsídios e chaves de leitura que funcionam como lentes para problematizar as percepções e as compreensões dos professores e profissionais de educação atuantes nesse cenário.


Para a análise e discussão, foram delimitadas três dimensões, sendo elas: i) A reconfiguração da escola e do trabalho docente no ERE; ii) As condições de trabalho docente no ERE; iii) As experiências e vivências dos professores no contexto da pandemia e no ERE. A partir delas, subdimensões foram identificadas e analisadas, assim como dois eixos transversais, detalhados na sequência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da análise são descritos e discutidos dentro das três dimensões eleitas para a investigação, e nas subdimensões eclodidas e nos dois eixos transversais identificados, conforme demonstra o Quadro 1.

Quadro 1: Síntese de dimensões analíticas

Dimensões			
1ª	2ª	3ª	
Reconfiguração da escola e do trabalho docente no ERE	As condições de trabalho docente no ERE	As experiências e vivências docentes no contexto ERE	Eixos: <i>Digital</i> <i>Políticas</i> 
Subdimensões			

<p>> A modificação de espaço domiciliar em instrucional e da própria prática docente</p> <p>> A modificação do acesso à escolarização</p>	<p>> A jornada de trabalho: da ampliação à sobrecarga</p> <p>> A ausência de recursos e de políticas de apoio aos profissionais de educação</p>	<p>> Os fatores contributivos para a (im) possibilidade da experiência docente</p> <p>> Narrativas docentes de experiências positivas e negativas</p>	<p>Eixos: Digital Políticas</p> 
---	---	---	--

Fonte: autoral, 2023.

Os resultados das análises realizadas, tanto das dimensões quanto das suas subdimensões, indicam que houve uma carga de trabalho adicional e que as práticas pedagógicas que surgiram durante essa reconfiguração da escola e do ERE afetaram a vida pessoal dos professores, causando preocupações e desafios diários. Esses fatores contribuíram para a constante precarização do trabalho docente, já que os recursos necessários para a realização das práticas pedagógicas, que deveriam ser fornecidos pelo governo, acabaram sendo adquiridos pelos professores.

A partir de suas experiências e vivências, fica claro que ser professor durante a pandemia de COVID-19 ultrapassou todos os limites conhecidos até então. Conforme OLIVEIRA (2006, p. 214), “os trabalhadores docentes incorporam ao seu trabalho novas funções e responsabilidades, premidos pela necessidade de responder às exigências dos órgãos do sistema, bem como da comunidade” e os resultados sugerem e demonstram essa reconfiguração da escola, do trabalho docente e das práticas realizadas durante o ERE. Entre as mudanças, destacam-se: as casas passaram a ser utilizadas como salas de aula, além de residência e espaço pessoal, o que exigiu dos professores a compra de dispositivos e conexão com a internet, custeados por eles mesmos, para continuar o ensino. Além disso, houve pressão e expectativas em relação à capacidade de uso de dispositivos, domínio de diferentes tecnologias e internet suficiente para a adaptação das práticas de ensino. A falta de treinamento para o ensino no ERE e para o planejamento das novas práticas pedagógicas causou ansiedade e medo entre as docentes.

Também é notável a invasão de privacidade, a falta de recursos e apoio, assim como o desgaste físico e mental dos professores em razão da imposição de decisões macro, na maioria das vezes desarticuladas, sendo propostas unilateralmente pelas secretarias de educação, sem a participação dos professores e com pouco reconhecimento pelo trabalho realizado por esses profissionais. O que se sabe é que “ninguém estava preparado para esta situação e a avaliação que, hoje, já podemos fazer, revela aspectos negativos, como as desigualdades e o empobrecimento pedagógico” (NÓVOA, 2020, p. 8).

Observou-se que as práticas pedagógicas passaram por mudanças constantes, o que levou ao empobrecimento da experiência e a impactos positivos e negativos na subjetividade dos professores, afetando tanto o aspecto pessoal quanto o coletivo. Vale ressaltar que os desafios diários causaram desgaste físico e emocional, devido a múltiplas preocupações, incluindo o cuidado com suas próprias famílias e com as famílias de seus alunos.

Com base nos resultados obtidos, foi identificado dois eixos transversais perpassando as dimensões e subdimensões. O Eixo Digital oportunizou ou desencadeou a modificação do domicílio em espaço escolar, assim como a própria prática docente, ocasionando a sobrecarga da jornada de trabalho, além de contribuir com o aumento de fatores (im)possibilitadores para a experiência docente, entre eles, o trabalho coletivo. No Eixo Políticas localizou-se a ausência de suporte e apoios, o que ocasionou a modificação de acesso à escolarização e um volume significativo de experiências negativas de docência.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa conclui que, em 2020 e 2021, os esforços dos professores foram essenciais para garantir o ensino remoto. Como contribuição, fica o grande valor e necessidade de que as políticas de apoio à construção e à manutenção do ensino, seja qual for o seu contexto, precisam contar com a participação das professoras, pois são elas quem encontram alternativas reais para o ensino.

As situações e percepções das e dos docentes envolvidos com o ERE indicam que é necessário seguir (re)construindo uma linguagem educativa que ajude a comunidade acadêmica e a sociedade em geral a refletir sobre a prática pedagógica realizada durante o período de pandemia, especialmente, no tempo de isolamento social. Argumenta-se, desta maneira, que para um futuro uso da modalidade de ERE, é fundamental a atenção para a preparação e o planejamento do ensino por meio do trabalho coletivo.

O ERE se revelou excludente para a maioria dos alunos e profissionais de educação, onde as condições de trabalho geraram insatisfação, além de uma contínua precarização da profissão docente. Portanto, é de suma importância valorizar a escola, bem como investir na educação, tanto em momentos de crise quanto em situações normais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- INEP. Instituto Nacional de estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira. **Microdados do Censo da Educação Básica, 2019**. Brasília: Inep, 2020. Acessado em agosto de 2023. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/>
- LUND, J. A. **Práticas docentes em tempos de pandemia covid19**. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.
- MARTINS, R. X. **A COVID- 19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio**. **Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020. Acesso em ago de 2023. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/620>
- NÓVOA, A. **A pandemia de COVID-19 e o futuro da Educação**. 2020. p. 8-12, ago Acesso em ago de 2023. Disponível em: <http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/905>
- OLIVEIRA, D. **Política educacional e a re-estruturação do trabalho docente**. 2006. Acesso em ago. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/dP53KQNStwwKmZZ8QDDzFXc/?format=pdf&lang=pt>
- UNESCO. **Relatório de Monitoramento Global da Educação, 2021**. Acesso em ago de 2023. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375582>